

ID – 1858

ANÁLISE HEMATOLÓGICA DO BOTO-DO-ARAGUAIA (INIA ARAGUAIAENSIS) EM AMBIENTE ANTROPIZADO NO RIO TOCANTINS, PARÁ, BRASIL

SdJC Lima^a, FCM Oliveira^b, AAP Damasceno^a,
GPd Silva^c, ALF Rodrigues^a,
TFdC Fraga da Silva^d, A Silva Júnior^d,
RA Mota^e, FOB Monteiro^a

^a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA),
Belém, PA, Brasil

^b Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA,
Brasil

^c Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA),
Santarém, PA, Brasil

^d Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió,
AL, Brasil

^e Universidade Federal Rural de Pernambuco
(UFRPE), Recife, PE, Brasil

Introdução: Considerado uma espécie sentinela, o boto-de-rio desempenha um papel crucial como indicador da saúde ambiental. Pesquisas indicam que a poluição ambiental e o estresse são fatores que podem alterar os exames bioquímicos e os perfis hematológicos dos cetáceos. Valores hematológicos e morfológicos podem ser utilizados para detectar alterações e estabelecer diferenças entre estados de saúde e doença, principalmente em animais silvestres de vida livre, cujas informações são escassas ou ausentes. Nesse contexto, compreender o estado de saúde de indivíduos de áreas com diferentes intensidades de antropização é fundamental para orientar estratégias de manejo voltadas à conservação das espécies. **Objetivos:** Avaliar se os parâmetros hematológicos e os dados de morfometria celular de botos-do-Araguaia (*Inia araguaiaensis*) que habitam uma área antropizada do rio Tocantins, no município de Mocajuba (Pará), apresentam alterações em comparação aos dados de estudos realizados em ambientes não antropizados. **Material e métodos:** Os procedimentos deste estudo foram previamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa Animal da Universidade Federal Rural da Amazônia (CEUA-UFRA, protocolo n° 5342120922), pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Licenças SISBIO n° 44915-16 e 94110-1) e pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Pará (Licença n° 5331/2023). Foi realizada a avaliação hematológica de animais que frequentam a região do rio Tocantins em frente ao Mercado Municipal de Mocajuba. Os hemogramas foram realizados manualmente e a contagem diferencial de leucócitos em esfregaços sanguíneos corados com Wright-Giemsa. As imagens fotomicrográficas e mensurações foram capturadas pela câmera Opticam 20. 3MP acoplada ao microscópio OPTICAM O400S e software específico. **Resultados:** Quatro *I. araguaiaensis* foram capturados (2 machos e 2 fêmeas), monitorados e submetidos a exame clínico. Os parâmetros hematológicos dos botos mostraram leve declínio na contagem de leucócitos, hemoglobina, eritrócitos, CHCM e plaquetas, com aumento moderado no VCM. A morfometria celular mostrou semelhança apenas no diâmetro dos eritrócitos e

neutrófilos em relação a *Inia geoffrensis*, uma vez que ainda não existem valores de morfometria para *Inia araguaensis*. O diâmetro médio dos eritrócitos foi de 7,70 μm , neutrófilos 13,06 μm , linfócitos 8,80 μm , eosinófilos 12,68 μm , monócitos 18,34 μm e plaquetas 2,56 μm . **Discussão e conclusão:** O estudo revela impactos na saúde dos botos do rio Tocantins, ao afetar parâmetros hematológicos com evidências de anemia leve, leucopenia e imunossupressão. A ausência de infraestrutura sanitária no local pode justificar essas alterações encontradas em comparação a estudos anteriores nos quais os animais eram provenientes de ambientes com pouca ou nenhuma antropização. Os dados sugerem estresse ambiental crônico e demonstram respostas adaptativas às condições adversas. Os achados deste estudo evidenciam uma relação preocupante entre o manejo inadequado de resíduos no rio Tocantins em Mocajuba e os impactos à saúde dos botos-do-Araguaia. A continuidade de pesquisas com amostragens mais amplas e representativas em áreas não antropizadas é essencial para estabelecer valores hematológicos de referência e compreender com maior precisão os impactos da contaminação crônica sobre populações de cetáceos que habitam ambientes fluviais que sofrem ações antrópicas.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105048>

ID – 572

ANTÍGENO ERITROCITÁRIO DEA 1 EM CÃES DE DIFERENTES RAÇAS NA CIDADE DE LONDRINA/PR

MFR Sousa, MEL Oliveira, HS Ramos, PE Luz,
ABJ Silva, KK Sarto, ACO Silva, PM Pereira

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina,
PR, Brasil

Introdução: O grupo sanguíneo mais conhecido em cães é o DEA (Dog Erythrocyte Antigen). Sendo o DEA 1 caracterizado pela ausência de anticorpos naturais, porém alta antigenicidade e produção de aloanticorpos após a sensibilização entre paciente DEA 1 negativo e doador DEA 1 positivo, causando em transfusões subsequentes reação hemolítica imunomediada aguda. A incidência do DEA 1 positivo varia de acordo com a região estudada e com a raça do cão. **Objetivos:** Este estudo teve como objetivo determinar a incidência do antígeno eritrocitário DEA 1 positivo em cães de diferentes raças atendidos em um hospital veterinário universitário na cidade de Londrina. **Material e métodos:** Foram avaliados 150 cães, machos e fêmeas, com idades entre quatro meses e 16 anos, pertencentes a 18 raças distintas, além de cães sem raça definida (SRD). A tipagem sanguínea foi realizada por meio do teste imunocromatográfico comercial específico para detecção do antígeno eritrocitário DEA 1 (Quick Test DEA 1.1®, Alvedia, Lyon, França). As amostras sanguíneas foram coletadas de tubos de sangue contendo EDTA utilizados para a realização de hemograma e analisadas conforme as instruções do fabricante, observando-se a presença ou ausência da banda de coloração vermelha no campo de leitura como critério de positividade para DEA 1. **Resultados:** Dos 150 cães analisados,

57,33% (86/150) foram positivos para DEA 1. A distribuição por raça revelou prevalência de positivos de 70,83% (34/48) em cães da raça Golden Retriever; 30% (6/20) em Pit Bull; 64,29% (18/28) em cães sem raça definida (SRD); 55,56% (5/9) em Pastor Alemão; 55,56% (5/9) em Shih Tzu e 50% (18/36) nos cães pertencentes a outras 14 raças. As demais raças incluíram, entre outras, Labrador, Rottweiler, Boxer e Border Collie. **Discussão e conclusão:** A incidência geral de cães positivos para o antígeno DEA 1 observada neste estudo (57,33%) está alinhada com o descrito na literatura, que indica uma distribuição relativamente equilibrada entre cães positivos e negativos. Observou-se maior frequência de positividade para DEA 1 em cães da raça Golden Retriever (70,83%) e sem raça definida (64,29%), e menor prevalência identificada em cães da raça Pit Bull (30%). Os dados obtidos demonstraram variações na prevalência do DEA 1 entre as diferentes raças avaliadas. O risco de um cão DEA 1 negativo receber um sangue DEA 1 positivo é alta nesta população, aumentando o risco de sensibilização e reação hemolítica imunomediada aguda. Portanto, a tipagem sanguínea e provas de compatibilidade, como a reação cruzada, são fundamentais para garantir maior segurança transfusional e diminuição da sensibilização em cães.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105049>

ID – 1759

LEUCEMIA LINFOBLÁSTICA AGUDA EM CANINO: RELATO DE CASO COM ENFOQUE DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO

LF Spigotte^a, GCZ Reinas^a, ALYdS Yamata^b, APM Alves^c, JA Santos^a

^a Centro Universitário Ingá, Maringá, PR, Brasil

^b Laboratório Yoshida, Maringá, PR, Brasil

^c São Francisco de Assis, Maringá, PR, Brasil

Introdução: A leucemia linfoblástica aguda (LLA) é uma neoplasia hematopoiética maligna, caracterizada pela proliferação clonal descontrolada de precursores linfoides, geralmente de origem B ou T, que infiltram medula óssea, sangue periférico e, eventualmente, outros tecidos. Embora rara em cães, a LLA apresenta curso clínico agressivo, de rápida progressão e prognóstico reservado, representando um desafio diagnóstico e terapêutico na clínica veterinária. O reconhecimento precoce, aliado a uma abordagem diagnóstica multidisciplinar, é essencial para o manejo adequado e definição do prognóstico. **Descrição do caso: Objetivo:** Relatar um caso de LLA em um cão da raça Fila Brasileiro, de três anos, diagnosticado por mielograma e sinais clínicos. **Relato de caso:** Foi atendida uma fêmea canina, Fila Brasileiro, de três anos, com histórico de apatia, fezes pastosas e anorexia. O animal apresentava diagnóstico presuntivo de erliquiose canina, baseado no teste ELISA IDEXX SNAP 4DxPlus®, e estava em tratamento com doxiciclina e suporte há 17 dias, sem resposta clínica. Os hemogramas anteriores demonstraram uma anemia refratária de caráter macrocítica normocrômica com baixo índice de regeneração, plaquetopenia

persistente e leucocitoses acentuadas (média de 350.000/mm³; VR: 6.000–17.000), com linfocitose grave (média de 329.000/mm³; VR: 1.000–4.800). Os linfócitos apresentavam anisocitose, anisocariose, citoplasma basofílico por vezes vacuolizado e núcleos pleomórficos com nucléolos evidentes. Observou-se também a presença de corpúsculos linfoglandulares. Havia discreta transaminemia persistente. Frente às alterações clínicas e laboratoriais, foi indicado mielograma. A citologia da medula óssea revelou celularidade aumentada, com hipoplasia eritroide acentuada, justificando a eritropoiese ineficaz. A relação G:E encontrava-se aumentada (17,0; VR: 0,75–2,53), devido à intensa proliferação linfóide, composta por 95% de linfoblastos, com raros linfócitos maduros e corpúsculos linfoglandulares. Não foram realizados exames complementares adicionais. Diante da piora clínica progressiva, optou-se por eutanásia. **Discussão:** O caso ilustra a complexidade do diagnóstico de LLA em cães, especialmente em áreas endêmicas para enfermidades como a erliquiose, cujas manifestações clínicas e hematológicas podem mascarar doenças neoplásicas. A literatura veterinária considera o diagnóstico de LLA na avaliação medular com presença de 30% de linfoblastos. A ausência de resposta à doxiciclina, aliada à linfocitose intensa com morfologia atípica e anemia não regenerativa, reforçou a suspeita de neoplasia hematopoiética. O mielograma foi essencial para confirmação, revelando características compatíveis com LLA. A indisponibilidade de exames como imunofenotipagem e PCR para clonabilidade, comuns na rotina de laboratórios especializados, limitou a subtipagem e o aprofundamento prognóstico. A rápida deterioração do quadro clínico e a necessidade de eutanásia refletem o comportamento agressivo da doença, cuja sobrevida é limitada, mesmo com intervenção. O relato ressalta a importância da suspeita precoce diante de quadros hematológicos persistentes e da valorização de exames específicos para diagnóstico e conduta adequada. **Conclusão:** A LLA, embora incomum em cães, deve ser considerada em casos de linfocitose severa e anemia refratária. O diagnóstico precoce é decisivo para guiar o manejo e estimar o prognóstico.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105050>

ID - 1871

PERFIL HEMATOLÓGICO DE GATOS ATENDIDOS EM UM PROGRAMA DE CONTROLE POPULACIONAL DO HOSPITAL VETERINÁRIO MÁRIO DIAS TEIXEIRA

FCM Oliveira^a, SdJC Lima^b, AAP Damasceno^b, JSd Silva^b, AS Cardoso^b, MjdFmd Figueiredo^b, Cbdr Leal^c, Gpd Silva^d, FOB Monteiro^b

^a Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

^b Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Belém, PA, Brasil

^c Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil